

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Denise Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

A Transversalidade da Prática do Profissional de História

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

T772 A transversalidade da prática do profissional de história [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A transversalidade da Prática do Profissional de História; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-282-1

DOI 10.22533/at.ed.821192504

1. História – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Professores de história – Formação I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 907

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A transversalidade da Prática do Profissional de História

Ao longo das últimas décadas, o ensino de História vem se consolidando enquanto campo de pesquisa, principalmente a partir da década de 1980, e as linhas de pesquisa, mormente, estão ligadas às metodologias de ensino, ao livro didático ou, ainda, às políticas públicas de inserção desses temas no currículo escolar. Neste modo, falar de transversalidade na prática do profissional de História, é observar a ligação aproximada da escola da realidade vivida pelos alunos, ou seja, trazer as disciplinas, os professores, os conteúdos escolares e aproximá-los do mundo do estudante. Dessa maneira, os alunos teriam uma aprendizagem significativa e seriam vistos com sujeitos históricos.

Os temas transversais são abordados recorrentemente a partir da proposta do trabalho interdisciplinar. O fato recorrente nessas abordagens interdisciplinares é que cada disciplina/campo se preocupa com seu recorte específico sobre o tema, o que acaba fragmentando-o ainda mais.

A aplicação dos temas transversais acontece a partir da renovação nos métodos, conceitos e didáticas no campo da pesquisa em História. Neste e-book temos a compreensão da realidade e a afetiva participação do indivíduo a partir de dados e noções relativos ao seu cotidiano, ao seu universo, fazem com que a campo do historiador a passe a ser considerada como um espaço de conhecimento e reconhecimento, onde por intermédio das diversas outras áreas de pesquisa se concretize como construtor de sua própria história.

Aqui diversos pesquisados do campo da História, trabalharam com a proposta de temas transversais em várias áreas baseadas em eixos temáticos, tais como: cultura, religião, educação, arte, cinema, gênero, entre muitos outros.

Boa leitura.
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DRAMATURGIA COMO FONTE PARA HISTÓRIA DA ILUMINAÇÃO CÊNICA, QUESTÕES DE ABORDAGEM PARA UMA PESQUISA EM ANDAMENTO	
Berilo Luigi Deiró Nosella	
DOI 10.22533/at.ed.8211925041	
CAPÍTULO 2	8
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA) COMO COMPONENTE CURRICULAR DAS ESCOLAS ESTADUAIS DA BAHIA: A EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO DOUTOR JUCA SENTO-SÉ	
Angla Pereira dos Santos Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.8211925042	
CAPÍTULO 3	14
A ESCOLARIZAÇÃO EM ITABORAÍ-RJ NO PERÍODO IMPERIAL (1840-1888)	
Regina Coeli Alcantara Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8211925043	
CAPÍTULO 4	24
A FORMAÇÃO DE MÉDICOS NEGROS NAS ESCOLAS MÉDICAS BRASILEIRAS	
Helber Renato Feydit de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 5	31
A HISTÓRIA DO BAIRRO SÃO BENEDITO	
Marília Villanova Rodriguês	
DOI 10.22533/at.ed.8211925045	
CAPÍTULO 6	38
A LINHA DURA NACIONALISTA E A “NASSERIZAÇÃO FRUSTRADA” DO REGIME MILITAR BRASILEIRO	
Guillaume Azevedo Marques de Saes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925046	
CAPÍTULO 7	46
A LITERATURA E O CORPO CONTRA O CASTRISMO: O RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE REINALDO ARENAS (1943-1990)	
Bruna Alves Carvalho Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925047	
CAPÍTULO 8	54
A NAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESPORTE ¹	
Eduardo de Souza Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925048	
CAPÍTULO 9	65
A POLÍTICA INVADE O VERSO: REPRESENTAÇÕES DA REVOLUÇÃO DE 1848 NA POESIA DE BAUDELAIRE	
Marcos Antonio de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.8211925049	

CAPÍTULO 10	76
CONSERVADORISMO E PERSPECTIVA VARNHAGENIANA: ANÁLISE DE UM CONCEITO	
Ingrid Silva Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.82119250410	
CAPÍTULO 11	85
DA IGREJA AO CAMPO SANTO: O NASCIMENTO DOS CEMITÉRIOS E O MONOPÓLIO DA MORTE NO BRASIL DO SÉCULO XIX	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.82119250411	
CAPÍTULO 12	99
DEMOCRACIA E AUTORITARISMO: Trajetória Política De Eduardo Gomes Em Contextos De Transições	
Flavia Salles Ferro	
DOI 10.22533/at.ed.82119250412	
CAPÍTULO 13	105
DO SUBVERSIVO AO TRAFICANTE: O PAPEL DA GUERRA ÀS DROGAS NA CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO INTERNO” NO BRASIL	
Luiz Henrique Santos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.82119250413	
CAPÍTULO 14	120
ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DO FILME: DIÁCONOS PELA DEFESA E JUSTIÇA E A CONSTRUÇÃO DO SABER DISCENTE	
Samara Letycia Moura Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250414	
CAPÍTULO 15	127
ENTRE O DISFORME E O MONSTRO: O CORPO ESPETÁCULO	
Juçara de Souza Nassau	
DOI 10.22533/at.ed.82119250415	
CAPÍTULO 16	137
FUNÇÃO POLÍTICA DA MEMÓRIA E AFIRMAÇÃO INSTITUCIONAL	
Lindsay Borges	
DOI 10.22533/at.ed.82119250416	
CAPÍTULO 17	153
GÊNERO E DISCURSO NO CURDISTÃO SÍRIO: NOTAS DE PESQUISA	
Maria Raphaela Campello	
DOI 10.22533/at.ed.82119250417	
CAPÍTULO 18	166
GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO <i>FRONT NATIONAL</i> COM MARINE LE PEN	
Makchwell Coimbra Narcizo	
DOI 10.22533/at.ed.82119250418	

CAPÍTULO 19	179
HISTÓRIA E SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O DESENVOLVIMENTO DA CRIPTOGRAFIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA INTEGRADA	
Rogério Chaves da Silva	
George Mendes Marra	
Delson Ferreira	
Geovane Reges de Jesus Campos	
Amivaldo Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.82119250419	
CAPÍTULO 20	195
HISTÓRIA, IMPRENSA E PODER: FOLHA DE S. PAULO E O GLOBO COMO ATORES POLÍTICOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1994 E 1998	
Fabrício Ferreira de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.82119250420	
CAPÍTULO 21	209
INFINITAS MARIAS Conhecendo as Marias desde 1950 PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	
Ronía Batista Vaz Otoni	
DOI 10.22533/at.ed.82119250421	
CAPÍTULO 22	217
JORNALISMO LITERÁRIO E PÓS-MEMÓRIA NA ÁFRICA COLONIAL PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O CASO DOS LIVROS-REPORTAGEM SOBRE RETORNADOS	
Flávia Arruda Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.82119250422	
SOBRE A ORGANIZADORA	226

GESTÃO DOS SENTIMENTOS POLÍTICOS: UMA ANÁLISE DO *FRONT NATIONAL* COM MARINE LE PEN

Makchwell Coimbra Narcizo

Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História

RESUMO: O *Front National*, em sua empreitada em busca de poder, especificamente na intenção de conquistar o cargo máximo da República Francesa, diversifica seu discurso, traça novas estratégias que envolvem gestão da memória, tradição e sentimentos, dá nova roupagem para o partido, muda suas lideranças e até mesmo sua principal personagem pública e porta voz: sai Jean-Marie Le Pen e entra sua filha, Marine Le Pen, buscando se reconstruir para se adequar às regras do jogo democrático, sem deixar de lado suas bases ideológicas.

Objetiva-se com o presente trabalho identificar os mecanismos usados pelo FN para a gestão dos sentimentos, especialmente com a ascensão de Marine Le Pen como presidenta do partido. Para tal, a análise aqui proposta se sustenta na de Pierre Ansart, lançada em seu livro *La gestion des passions politiques* de 1983 e desdobrada ao longo de sua carreira, em que busca tratar a importância das emoções, dos sentimentos, dos afetos, das paixões que se encontram presentes nas instituições, nas decisões, nos fatos políticos e que fazem parte da experiência cotidiana.

PALAVRAS - CHAVE: Gestão, sentimentos,

política, França, Marine Le Pen

ABSTRACT: The Front National, striving to attain power, specifically the head position of the French Republic, has diversified its discourse, made up new strategies that involve the management of memory, tradition and feelings, given the party a new lease of life, and swapped their leadership, including its top public figure and spokesman: out goes Jean-Marie Le Pen and in comes his daughter, Marine Le Pen, attempting to rebuild her image to fit the democratic game rules without steering away from her ideological foundations.

The objective of this paper is to identify the mechanisms used by the FN for the management of feelings, especially with Marine Le Pen having been elected party's president. The analysis is based on that of Pierre Ansart, launched in his 1983 book *La gestion des passions politiques* and developed throughout his career, in which he seeks to address the importance of emotions, feelings, affections, and passions in the institutions, decisions, and political facts and which are part of the everyday experience.

KEYWORDS: Management, feelings, politics, France, Marine Le Pen

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A vida é permeada de emoções, sentimentos, paixões e outros sentimentos diversos, somos envolvidos por sentimentos em todos os momentos, integrando também a dimensão afetiva da vida política. Por conta disso, paixões coletivas participam das práticas políticas e, apesar dessa dimensão afetiva do exercício político ser algo persistente no mundo político e eleitoral, não significa que é de fácil trato por parte de quem visa estudar sua influência nem tão pouco que seu estudo encontre lugar privilegiado nas Ciências Humanas e Sociais.

A ascensão de partidos de extrema direita na Europa demonstrou que essa volta a ganhar força no continente. Se aproveitando de uma crise de identidade vivida pelos europeus, que é potencializada pela crise do projeto da União Europeia, temas como migração e desemprego tornam-se pautas recorrentes desses grupos.

Na prática, a extrema direita vive um crescimento que a coloca em um patamar de influência política não vista no continente desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Sabendo que identidades, sendo elas políticas ou sociais são construídas, o crescimento da extrema direita passa pela construção de identidades e uma busca pela gestão da memória.

A gestão da memória é concomitante com a gestão dos sentimentos. Essa busca faz uso de diversas ferramentas, tal como a utilização de sentimentos latentes como o ódio, inveja, rancor, ou sentimentos que há muito tempo estão escondidos ou guardados, tratam-se de ressentimentos. A gestão da memória e dos sentimentos é algo interligado, feita de forma consciente por grupos políticos, no caso em destaque pela extrema direita francesa, mais especificamente o *Front National*.

O *Front National* se insere no interior de uma tradição da direita francesa, entretanto, isso não basta para se destacar frente o eleitorado, visto que, mesmo se captar todos os votos de extrema direita, não consegue votos suficientes para chegar ao poder. Por conta disso, o FN busca reelaborar a tradição, mas de uma maneira que os franceses independentemente de orientação política se convençam disso.

Com a ascensão de Marine Le Pen, substituindo seu pai Jean-Marie Le Pen na presidência do FN, o partido, portanto, entra em nova fase, iniciando-se o processo de desdiabolização: ela implementa uma revisão das estratégias do partido desde a década de 1970, busca incessantemente o apoio da opinião pública, apresentando o FN como um partido democrático, visando não apenas os votos das extremas-direitas como da direita tradicional francesa. Em um mundo fragmentário, precisa-se de uma ideia para unir os fragmentos, quanto menos “absoluta” ou definida for essa ideia melhor ela serve a esse propósito, Marine Le Pen percebeu isso e fez disso sua aposta, utilizando-se de apelos sentimentais para tal.

2 | SENTIMENTOS E POLÍTICA

Pierre Ansart (2001, p. 146) argumenta que as emoções, sentimentos e paixões encontram-se presentes nas instituições, decisões e fatos políticos, sendo assim, parte das experiências cotidianas. O autor prossegue:

[...] esperanças e inquietudes durante as campanhas eleitorais, alegrias e decepções face aos resultados, iras, ciúmes e rancores no seio de um partido, angústia diante das ameaças imaginadas, entusiasmo quando se proclama uma vitória nacional ou humilhação quando se proclama uma derrota. Todos esses fatos são bem conhecidos. Eles abundam ao longo da história e manifestam-se incessantemente, sob formas sempre renovadas. Não duvidamos que esses afetos tenham consequências múltiplas, às vezes decisivas, no incessante desencadeamento da vida em comunidade. Aliás, não se pode duvidar das consequências, eventualmente dramáticas, provocadas pelos ódios interéticos. (ANSART, 2001, p. 146)

Todavia, apesar da importância destacada, o autor defende que as Ciências Sociais e Políticas, salvaguardando algumas exceções, não elaboram uma reflexão sobre fatos relativos à sensibilidade política, como se os esforços de explicação e de racionalização dentro do conhecimento conduzissem, inevitavelmente, a uma negligência das dimensões afetivas e passionais. É possível dizer que isso se aplica às ciências Humanas de um modo geral.

A dimensão afetiva no exercício político e as possibilidades de sua apreensão é a preocupação central de Pierre Ansart e se estendem para o presente trabalho. Ansart propõe, também para historiadores, possibilidades metodológicas para que se estude o papel das paixões e dos sentimentos na História.

Stella Bresciani (2002, p. 7) ressalta que as dificuldades em se tratar sentimentos em História levam comumente à recusa de abordagem. Prossegue demonstrando que a opção da ciência positivista foi de eliminar do seu campo de observação essas experiências cotidianas para somente reter da “realidade” política aquilo que poderia ser traduzido racionalmente. O que leva ao que a autora chama de fracasso, na medida em que é impossível dar conta da experiência concreta dos agentes da história tais como eles a vivenciam ou a sofrem.

A inobservância para com as questões sensíveis se dá por conta da dicotomia razão/emoção e, com a supervalorização da razão por parte da Ciência Positivista, a qual se sobressai também nas análises políticas. Contudo, é necessário salientar que apesar da dicotomia existente se sobressair, uma de suas partes, a parte menos privilegiada não desaparece das análises. Não há um desaparecimento de análises que privilegiem ou que busquem entender as demandas políticas observando as experiências cotidianas, como pode ser percebido na apreciação de Pierre Ansart.

Pierre Ansart (2001, p. 147) destaca que convém lembrar que, no que diz respeito à reflexão sobre paixões sociais e políticas, demonstrando que existem importantes antecedentes históricos desde a filosofia grega, grandes pensadores da vida política buscaram compreender questões que estão ligadas aos sentimentos. Levantando

questões como: Por que e em quais circunstâncias os cidadãos podem conhecer sentimentos de cólera, de furor ou de entusiasmo? Esses podem atuar coletivamente para exprimir seu ódio, entusiasmar-se por uma causa comum ou destruir símbolos detestáveis, aceitar, às vezes, riscos de morte para além do desejo instintivo da sua própria preservação? Para isso, o autor trabalha com textos extraídos de obras de Platão, Maquiavel, Tocqueville e Marx.

Logo, é possível considerar que apesar de uma dicotomia reinante, em especial nas reflexões modernas sobre política, há trabalhos que busquem uma reflexão sobre paixões sociais e políticas são presentes, o que existe por outro lado, é uma desvalorização de trabalhos que se preocupam com a dimensão afetiva envolto nas relações, que neguem sua importância ou até mesmo que as desprezam.

Pierre Ansart busca romper com a visível separação entre paixão e razão, especialmente com o predomínio da razão sobre a paixão. Bresciani (2002, p. 8) defende que com isso, emerge a possibilidade de questionamento da partilha que representa uma ilusão compartilhada pelos mais importantes pensadores da Modernidade, sendo questionada, sobretudo, pelo reconhecimento que dera lugar a um paradoxo constitutivo das sociedades estruturadas sobre seus pressupostos. A autora aponta assim um importante aspecto que esse paradoxo expressava a impossível formação do sentimento de pertença e de identidade societária, sendo ela nacional, partidária ou de qualquer grupo genérico apenas amparado pelos argumentos racionais.

Ainda seguindo as orientações da autora, infere-se que, as identidades coletivas são marcadas por afetividades do campo pessoal, tal como satisfações e frustrações, todas as intensidades possíveis do prazer ou da dor, ou em casos mais extremados, pela exaltação de sucessos ou a agonia do inverso. A existência desses vínculos entre afetividade e identidade vem sendo confirmados nos últimos anos por ciências que estudam o social, ou seja, a construção de uma metodologia que dê para a dimensão afetiva da vida humana sua devida importância traz novas possibilidades e entendimentos.

Neste ponto, nos deteremos um pouco mais na questão das identidades e afetividades, vejamos algumas considerações de Stella Bresciani:

Toda identidade, individual ou coletiva, ganha espessura e sentido mais profundo por meio de um componente afetivo, e é transformada incessantemente pelas alterações das emoções, dos sentimentos e das paixões. Mas ainda, as construções e as desconstruções das identidades acarretam consequências para a vida política e engendram paradoxos particulares. As identificações e as identidades fazem parte das ações políticas e ajustam-se às situações específicas. Uma afirmação identitária pode tanto favorecer a confiança em si como a agressividade e relação ao outro. Os sentimentos de superioridade, por sua vez, podem colaborar na legitimação da violência assim como os de inferioridade favorecem o desencorajamento. Não se pode negar, ainda que os conflitos de identidade sustentam a dinâmica das hostilidades e, eventualmente, a dominação. (BRESCIANI, 2002, p. 8-9)

A construção e a reconstrução permanente de identidades carregam grandes cargas de afetividades. As identidades estão envoltas a sentimentos e paixões, as

ações que a venham construir, essas resultam em construções e é em parte, reflexo desses sentimentos. Portanto, a construção do que durante muito tempo se acreditou ser o real, traz consigo uma carga de afetividade, ou seja, as articulações das afetividades ajudam a construir o real.

A percepção de que as afetividades agem de forma marcante na constituição das identidades, logo, vida social e política, é hoje uma realidade por parte de quem busca compreender a sociedade, tal como a História. Apesar disso, ainda existem dificuldades metodológicas e em certa medida, resistência na medida em que é necessário romper uma dinâmica que hierarquiza os motivadores das ações sociais, colocando as afetividades em um local secundário em relação à razão.

Aqui, interessam todas essas questões, mas é necessário colocar uma característica específica, busca-se entender a dimensão das afetividades na constituição das identidades e da vida social, ao buscar uma compreensão de como essas dimensões influenciam nos processos políticos e eleitorais, além de buscar uma compreensão de como tais aspectos podem ser manipuláveis na busca de votos. Desta forma, nos deparamos mais uma vez com Pierre Ansart.

Pierre Ansart não visa construir uma metodologia, mas aponta possibilidades a partir da formulação de questões fundamentais para uma análise das emoções e sua força política. Para tal, formula algumas questões tidas como fundamentais.

1 – O primeiro desafio é, sem dúvida, reagrupar, escolher os rastros, os sinais das “emoções” (esses afetos vivos e limitados no tempo), dos “sentimentos” (esses sistemas sócio-afetivos menos aparentes e mais duráveis), das “paixões” (termo que destacamos com suas ambiguidades que designam, ao mesmo tempo, a afetividade vivenciada e a intensidade da ação). Esses sinais a serem reagrupados são essencialmente expressões e práticas significativas. (...) Trata-se, nesse caso, somente de um trabalho preliminar.

2 – Uma segunda questão diz respeito ao passado de um sistema sócio-afetivo: sua gênese e sua formação existiram no tempo dessas paixões? Nós nos referimos à história, não à história cronológica ou estritamente econômica, mas à história das crenças, das expressões, tanto quanto a das práticas políticas, dos conflitos sociais e, sobretudo, das lembranças por estes deixadas. O analista das paixões não pode evitar o questionamento sobre o tipo de passado que lhe diz respeito: trata-se menos do passado do historiador, reconstruído segundo os critérios da crítica, e mais do passado imaginado, na maioria das vezes, reconstruído segundo os interesses ou os preconceitos do presente.

3 – Ela confronta seus estudiosos com a questão das continuidades e das descontinuidades, como também com as ilusões em relação a ambas. Como explicar a continuidade das hostilidades e dos ódios ao longo das transmissões históricas? (...) Podemos nos ater à hipótese geral de que instituições (familiares, escolares, religiosas) participam da transmissão, do “inculcamento”, dos valores afetivos. No entanto, somente um estudo cuidadoso das expressões, das linguagens, dos símbolos comuns, poderá precisar o papel desempenhado por uma instituição nesta transmissão.

4 – O analista das paixões políticas é confrontado inevitavelmente com o problema do caráter coletivo dos afetos. Sabemos que uma forte tradição não cessou de admitir que, um membro de uma classe, de uma casta, de uma etnia, compartilha

necessariamente os amores e os ódios existentes no seio de seus respectivos grupos. Uma tal simplificação oculta problemas essenciais. (...) E preciso distinguir o lugar e o papel dos grupos militantes, seus líderes efetivos ou simbólicos, seus dizeres e seus fazeres. Eventualmente, deve-se analisar o papel excepcional de um ator individual.

5 – Atingimos uma das questões essenciais da análise: a do espaço do sujeito individual nas paixões coletivas. Para designar utiliza-se os amores, os medos, as iras, um vocabulário psicológico, que é relativamente claro no que diz respeito ao sujeito individual. Mas que vocabulário poderia ser usado numa atividade comum, como em uma manifestação? O que é uma indignação coletiva? Que relação se estabelece entre o sujeito, o ego e os outros, numa indignação comum? Não podemos evitar a abordagem de tal questão, mas é impossível respondê-la a partir de um único caso.

6 – O estudo das relações intersubjetivas tem seu lugar nesse percurso. As interações conduzirão a um abrandamento das paixões, ou ao seu desvio, ou à sua repetição, ou ainda à sua consolidação? Existe uma circulação dos afetos? Por que, como e em quais circunstâncias?

7 – As afetividades políticas transformam-se às vezes muito rapidamente; Tocqueville já salientava este fato em relação às eleições em uma democracia: emoções, querelas, discussões, declarações exaltadas ou injuriosas, discussões violentas que se prolongavam até às vésperas da eleição, e, em seguida, de maneira muito rápida,

uma vez conhecido o resultado, calmaria e, para muitos, retorno à indiferença. Os períodos mais significativos em termos de mudanças profundas são certamente aqueles de conflito, nos quais as paixões se exasperam, manifestam-se ruidosamente e, em seguida, são apaziguadas. (...)

8 – Por fim, na análise dessas diferentes questões, é incessante a manifestação das relações entre os afetos e as ações. Pode-se dizer que, por causa disso, a pesquisa sobre as paixões políticas adquire um verdadeiro sentido. Ora, essa relação é eminentemente plural e reveste-se de múltiplas formas: em um momento, afetos encontram suas expressões, mas não conduzem a qualquer ação ou a poucas manifestações simbólicas; em outro momento, as condições inibem as expressões, mas os afetos revelam-se brutalmente ao longo de uma agitação violenta. (...) (ANSART, p. 153-157)

Por mais amplo ao que aparenta, e o é, especialmente por ter a preocupação de trabalhar com uma metodologia que abarque questões que não ganham tradicionalmente a devida atenção, Pierre Ansart não apresenta uma metodologia em si, uma metodologia fechada, mas apresenta alguns caminhos que surgem a partir de preocupações levantadas por ele.

Caminhos que não podem ser entendidos como facilidades, mas em certa medida como facilitadores do trabalho de quem busca trabalhar com os afetos em política, devendo passar necessariamente por um rastreio preliminar dos afetos, buscando uma compreensão do tempo das paixões, tempo este que não é meramente cronológico, vide que é necessário compreender um passado sentido, reconstruído a partir do presente. O que torna fundamental compreendermos as continuidades e descontinuidades impressas nos sentimentos. É basilar na análise das paixões políticas

a observação do caráter coletivo que os afetos carregam, tendo a sensibilidade para analisar o papel excepcional de indivíduos no interior desses grupos. O que leva ao ponto essencial da análise em questão, o espaço do sujeito individual nas paixões coletivas.

É necessário observar que as afetividades políticas mudam constantemente e mudam rapidamente, fazendo com que as ações sejam influenciadas, logo, a percepção do encontro entre afeto e ação é fundamental por parte de quem se aventura a tratar paixões políticas.

Por fim, é uma busca de compreensão da construção dos afetos, sua difusão e sua utilização para fins políticos, levando em consideração, segundo as orientações de Ansart que são primordiais aqui, seu local de produção e seus produtores, tal como a forma como são produzidos. O conteúdo em si e o resultado que tais afetos levam.

3 | MARINE LE PEN E OS SENTIMENTOS

Marine Le Pen busca construir seus argumentos fazendo ligações simbólicas, utilizando-se de aspectos históricos bem definidos em construções específicas para atender suas demandas, empregando cargas afetivas particulares a eles.

O ódio não é apresentado de forma primária ou de forma inicial em seus discursos como era feito com o pai, a forma como Marine Le Pen constrói seus argumentos segue uma lógica bem própria.

Marine Le Pen em seus discursos, o que estende para outras modalidades quando pode tal como em seu blog ou até mesmo plano de governo, busca construir uma espécie de fundo emocional que dê suporte a seus argumentos, fazendo uso em diversos momentos de aspectos históricos, tratados sob uma perspectiva própria, resgatando uma memória e trazendo para os fatos uma afetividade que lhe convém, tudo para criar condições para direcionar os ouvintes/leitores/eleitores para seus reais objetivos, que culmina no voto. Para tal, faz utilização constante da tradição e cultura francesa, tal como de povo francês.

O emprego de sentimentos é variado, ele vai de sentimentos de orgulho, sentimentos triunfalistas ligando a França, sua tradição, sua história, ressaltando aspectos gloriosos para depois a abordagem focar os momentos de decadência da França, tendo assim possibilidade de categorizar e culpar pessoas e grupos específicos. O jogo com sentimentos envolve desta forma, de maneira consciente os ressentimentos, é uma estratégia de Marine Le Pen.

Tal designação pode ser notada em diversos momentos e em discursos e documentos, será abordado de maneira destacada o documento *Appel du Mont-Saint-Michel* intitulado *Pour l'unité des français*. Como se trata de um documento curto, em seu início Marine Le Pen trata de fazer uma descrição física das belezas locais, logo em seguida, apresenta algumas de suas armas argumentativas:

Este ponto de encontro entre a terra, o mar e o céu, único no mundo, foi durante séculos o resultado tão esperado da longa marcha dos peregrinos. Ele é hoje o símbolo do espírito francês.

As muralhas da cidadela militar ainda ecoam as façanhas do Chevalier Du Guesclin; a invencibilidade dessas fortificações, experimentada pela Guerra dos Cem Anos, inspira ainda hoje o espírito de resistência.

No mistério de nossos apegos fundamentais, impõem-se essas obras-primas nascidas do encontro da inteligência, do espírito e da mão que, juntos, obrigam o mundo a reconhecer aqui o testemunho da engenhosidade francesa; **para nós, franceses, esses pontos altos de nossa memória nacional evocam nas profundezas da alma o orgulho de ser francês, o prazer de viver como franceses, o desejo de permanecer assim.** (LE PEN, Marine, 27 février 2018) (negrito no original e tradução nossa)

Marine Le Pen utiliza o *Mont-Saint-Michel* para evocar o “espírito francês” como uma força inerente a todos os franceses, algo atemporal que une os franceses. Logo depois evoca um acontecimento central em sua argumentação, a Guerra dos Cem Anos, uma luta exemplar contra o invasor estrangeiro, na prática contra os ingleses, mas como pôde ser visto no tópico que fora tratado a construção de Jeanne D’arc há uma apropriação por parte do FN como se fosse “os estrangeiros” e acima de tudo, um símbolo que conclama a resistência a qualquer tipo de invasão estrangeira. Portanto, ao evocar essa memória, o viver como francês e permanecer assim é a possibilidade de usar tais aspectos da memória como aporte político, como se ela, Marine Le Pen, de alguma forma, se incumbisse de ser guardiã de tais valores.

Em meio a elogios de ordem física e “espiritual”, Marine Le Pen prossegue:

Contemplar o Mont-Saint-Michel, admirar **a majestosa harmonia da natureza e da arquitetura, a conjugação entre o espírito e a matéria, entre a fé e a razão, é saber que existe nos corações dos homens algo superior, algo que vai além do fútil, do utilitarista ou do subordinado**; contemplar esse arranjo maravilhoso é, para nós, franceses, abastecer-se de fidelidades, é conhecer-nos como herdeiros de uma grande história, de uma grande nação, de uma grande civilização; é também sentir certa aversão pelos abandonos desastrosos porque temos a necessidade de continuar incansavelmente a obra-prima, **de seguir nesta bela e grande aventura chamada França, de nos sentirmos carregado, mesmo nos períodos de dúvida ou de declínio como hoje, pela engenhosidade da renovação.** (LE PEN, Marine, 27 février 2018) (negrito no original e tradução nossa)

Marine Le Pen coloca a França como um ponto de equilíbrio ideal para o mundo, se colocando, a si e os franceses, como herdeiros dessa grande história, grande nação e uma grande civilização trazendo em certa medida a responsabilidade de se opor a quem não a valorize, de forma interna e externa. Coloca a si e cada francês como responsável por continuar essa história, em especial em momentos de crise como o que alega viver no momento.

A estratégia de Marine Le Pen é característica em suas argumentações, busca criar um espaço favorável para lançar suas teses, fazendo uso de aspectos emotivos. Voltemos para o documento em análise exemplificar a estratégia de Marine Le Pen:

Porque aqui bate o coração da França, é daqui que escolhi lançar um apelo à

unidade dos franceses.

Nosso país está lutando com um totalitarismo duplo, o totalitarismo islamista e o totalitarismo globalista financeiro. Ambos prejudicam nossos valores de civilização, nossa concepção do homem, nossa visão do mundo (LE PEN, Marine, 27 février 2018) (negrito no original e tradução nossa)

O fato de estar em destaque no documento o “coração pulsante da França” e esse o tema central no lançamento de sua campanha carrega simbolismos e aponta os tons de afetividades que marcam suas propostas, que claro, não ficam apenas nelas. Quando fala do duplo totalitarismo, assinala as bases que sua campanha se constrói, em 3 partes: 1 – acusar seus opositores de totalitários e se colocar como guardião da democracia, uma das heranças da tradição francesa; 2 – o totalitarismo econômico e o globalismo, representado pela União Europeia - UE; 3 o que chama de totalitarismo islâmico.

Interessa-nos neste ponto, a busca de uma compreensão sobre a maneira como coloca a civilização e visão de mundo como ameaçadas, ao mesmo tempo em que se coloca, ou se propõe como uma guardiã delas. O discurso, não traz novos argumentos, apenas renova os mesmos temores, o temor contra o “totalitarismo globalista” são as mesmas ameaças que outrora povoaram as mentes e corações franceses por ocasião da Segunda Guerra Mundial – os problemas econômicos que elegeram o outro, frente um nacionalismo econômico; enquanto ao “totalitarismo islamista”, serve bem ao momento, mas se for trocado em outros momentos históricos, por judeu, argelino, *negrer* faz sentido dentro de cada realidade histórica, o problema em si não é o islamista, mas a ameaça que ele representa no momento. Mais do que a ameaça, ele representa o temor que ele pode gerar, o resultado político que pode ser retirado dessa possível ameaça.

Misturando sentimentos novos com antigos, Marine Le Pen prossegue:

Uma nação, nossa nação é um ato de amor: ela é um vínculo sentimental invisível que une os homens além de sua origem em um desejo de compartilhar, uma partilha de nossa riqueza material, claro, mas também a partilha de nosso patrimônio imaterial: nossos valores, a grandeza que emanam nossos monumentos, nossa arte de viver, nossa gastronomia, nossa bela língua, nossas regras de cortesia, nossa baguete, o cafezinho no balcão de um bistrô, enfim, tudo o que faz aquilo que somos. Este patrimônio não tem valor, porque é esculpido por dois mil anos de história, porque vive em nós e é insubstituível. Além do presente, a nação nos leva à compartilhar esperanças e a vontade de construir o futuro em comum; uma nação, a nossa nação é um impulso do coração e da mente que se reforça ao longo do tempo simplesmente para colocar uma ambição coletiva a serviço de todas as gerações futuras. (LE PEN, Marine, 27 février 2018) (negrito no original e tradução nossa)

Marine Le Pen faz alusão ao amor, que por sinal é bastante utilizado em suas argumentações, o utiliza como um laço sentimental que une os franceses, esse povo eleito por fazer parte de uma cultura com uma grandiosidade imaterial e também material tão rica. O importante, o que é trazido como diferente, como novo aqui, é o fato de ligar esse sentimento com o futuro, tendo o que chama de “impulso do coração” como a ligação chave para isso, sendo essa geração o elo para as gerações futuras,

imputando a ela, de certa forma, em uma maneira ameaçadora, o peso do presente.

A busca da criação e utilização de um laço sentimental que ligue o povo francês a seu passado e a seu futuro é estratégia central de Marine Le Pen, sobre isso, fica claro quando o documento em análise se aproxima do encerramento:

Nós devemos voltar a ser uma nação de sentimentos.

Se a França fosse apenas uma nação pela razão, haveria apenas franceses administrativos, sem alma e, portanto, sem coração, sem identidade e, portanto, sem futuro.

Quero fazer com que a França volte a ser uma nação de corações, uma comunidade de solidariedade entre os franceses, uma comunidade de destino como se um único coração batesse em 66 milhões de peitos. (LE PEN, Marine, 27 février 2018) (negrito no original e tradução nossa)

A reconstrução da França proposta por Marine Le Pen passa necessariamente pelos afetos, passa pelo que ela chama de corações, não se afastando da razão, mas dando protagonismo ao coração, uma união de corações. Uma nação de sentimentos, tais sentimentos que são diversos, mas que se unem sob o passado da tradição Francesa que direcionará os franceses ao futuro.

A composição argumentativa de Marine Le Pen passa necessariamente por uma construção afetiva bem definida, na qual faz uso de um passado de glórias, uma tradição singular, trazendo uma herança quase divina e ao mesmo tempo uma responsabilidade para com o futuro, buscando se colocar como guardião de tal herança. Sentimentos são utilizados o tempo todo em suas argumentações, mas de forma organizada e controlada, buscando se utilizar deles em momentos propícios.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de sentimentos em demandas políticas é algo corriqueiro, tais demandas, políticas e eleitorais se utilizam de sentimentos sempre que lhes convém. As formas de utilizações variam, mas os sentimentos sempre são requisitados, algumas vezes de maneiras mais requintadas e em outras de maneiras mais automáticas.

Apesar disso, há relutâncias por abordar sentimentos políticos, em parte por conta de dificuldades, nas Ciências Humanas e Sociais fazendo com que durante muito tempo estudos que tratassem a utilização de sentimentos fossem escassos e taxados de pouco objetivos.

Tudo isso passando pela real dificuldade metodológica, visto que a temática exige abordagens de cunho interdisciplinar e que testem os limites de cada área do conhecimento. O que Pierre Ansart apresenta não é necessariamente uma metodologia, mas possibilidades de se transpor limites, fazendo com que as análises abandonem sua segurança metodológica pronta e acabada.

A percepção que sentimentos são utilizados não basta, é necessário que se

busque compreender como isso é feito e em especial quais os resultados dessa utilização. Como exposto, Marine Le Pen faz utilizações constantes e planejada de sentimentos para atender seus propósitos políticos e eleitorais.

Marine Le Pen busca gerir os sentimentos para os utilizar a seu favor, para isso, utiliza-se de sentimentos distintos, se por um lado faz uso de sentimentos reativos para colocar a França e os franceses como vítimas de um “outro”, utiliza-se de sentimentos que aludem a grandiosidade da França e a unidade dos franceses.

Seguindo as orientações de Pierre Ansart é possível notar que é feito uso de sentimentos buscando tratar as paixões, termo utilizado aqui respeitando suas ambiguidades. Há uma busca pela utilização de sentimentos duráveis e até por isso menos perceptíveis cotidianamente e também por sentimentos que estão escondidos nas camadas mais profundas da memória e das relações sociais, mas ambos presentes.

Marine Le Pen percebe a perenidade de sentimentos bons e reativos, buscando dar força a eles na busca de votos. Para isso, busca a gênese de certos sentimentos, por essa razão quando busca uma apropriação da memória, também busca se apropriar de afetos que carregam as lembranças de determinados eventos históricos e também personagens históricas, para isso busca reconstruir o passado de uma forma que possa se apropriar de tais sentimentos.

Ainda sob orientações de Ansart é possível notar que há uma construção consciente de linguagens, expressões e até mesmo gestos visando gerir sentimentos e se utilizar deles. Mas claro, sem cair em simplificações e achando que apenas seu grupo busca gerir afetos, na medida em que há tentativas de outros grupos de também utilizar-se de afetos para suas demandas, entretanto, a presente análise busca dar conta da gestão e formas de utilização promovidas pelo FN sob gestão de Marine Le Pen. Ponto fundamental é considerar que as afetividades estão em constantes transformações, desta maneira, novas formas de utilizações surgem fazendo com que quem as investigue tenha que criar mecanismos para captar tais mudanças.

Partindo das considerações de Pierre Ansart e com a análise do FN desde o início da gestão marinista fica evidente que há uma busca de gestão de sentimentos organizada. Com isso é possível perguntar: Marine Le Pen tem atingido seus objetivos com seu projeto de gestão de sentimentos?

Para tal é necessário compreender que o *Front National* com o clã Le Pen busca se inserir na cena democrática francesa galgando em especial o cargo de presidente da república, para isso há um projeto e neste projeto a gestão da memória e sentimentos são centrais. Na prática, o *Front National*, que agora se chama *Rassemblement National* – RN, claro que a mudança de nome também se insere na gestão de sentimentos, tem um projeto de poder e hoje é uma das mais destacadas forças políticas da França, o que vem se comprovando nas urnas, como por exemplo a ida de Marine Le Pen ao segundo em 2017 e tendo ficado em terceiro lugar nas eleições de 2012.

Personalidades e grupos políticos como Marine Le Pen e seu FN/RN continuarão a utilizar-se de estratégias para gerir sentimentos na busca de seus propósitos, dentre

eles eleitorais. Assim sendo, estudos que busquem captar a força desses grupos, ascensões e quedas, devem necessariamente buscar compreender mesmo que de forma mínima como esses grupos se utilizaram e geriram os sentimentos.

REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. Em defesa de uma ciência social das paixões políticas. In: **Historia: questões e debates**. 17, n. 33, julho/dezembro 2000, Editora UFPR, pp. 145-164.

_____. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009, p. 15-36.

_____. **La gestion des passions politiques**. Lausanne: L'âge d'homme, 1983.

BREPOHL, Marion. Et al (org). (2002) **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora UnB.

BRESCIANI, Maria Stella; NAXARA, Márcia (org). **Memória e (res)sentimento**: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas SP: Editora UNICAMP, 2009.

LE PEN, Jean-Marie. Discours de Jean-Marie Le Pen lors de la commémoration du 600^{ème} anniversaire de la naissance de Jeanne d'Arc. Disponível em < <http://www.frontnational.com/2012/01/discours-de-jean-marie-le-pen-lors-de-la-celebration-du-600eme-anniversaire-de-la-naissance-de-jeanne-darc/>>. Acesso em 12 fevereiro 2018.

_____. 1 mai 2012 - Discours de Jean-Marie Le Pen place de l'Opéra à Paris + sous-titres. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jQ2403EjyBQ>> Acesso em 12 fevereiro 2018.

LE PEN, Marine. *À contre flots*. Paris: Grancher. 2012.

_____. **Au nom du peuple – 144 engagements présidentiels**. Nanterre: 2017.

_____. **Discours de Marine Le Pen lors du Congrès de Tours des 15 et 16 janvier 2011**. Disponível em <http://www.frontnational.com/videos/congres-du-FN-a-tours-discours-d-investiture-de-marine-le-pen/>>. Acesso em 12 janeiro 2018.

_____. **Discours de Fréjus**, septembre 2016. Fréjus: 2016.

_____. **Discours de Marine Le Pen dans l'Orne**. 7 janvier 2018. Disponível em < <http://www.frontnational.com/2018/01/discours-de-marine-le-pen-dans-lorne/>>. Acesso em 09 janeiro 2018.

_____. **L'Afrique: Notre première priorité internationale**. Paris: 2016.

LE PEN, Marine. **La révision constitutionnelle que je propose aux français par référendum**. Souveraineté / Démocratie / Proximité. Paris: 2016.

_____. **Marine**. Paris : 2017.

_____. **Mon analyse du programme de M. Macron**. In: Mes carnets d'espérances, 2017.

_____. **Mon projet pour la France et les français**. Nanterre: 2012.

_____. **Pour que vive la France**. Paris: Grancher. 2012.

LE PEN, Marine. **Terrorisme islamiste**: protégeons Les français. Paris: 2017.

_____. *3^{ème} Conférence Présidentielle*: « le rôle de l'état dans l'économie ». *Paris le 2 mars 2017*.
Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

_____. *4^{ème} Conférence Présidentielle Paris* « **Par amour de la France** » **Paris : le 13 mars 2017**.
Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

_____. *5^{ème} Conférence Présidentielle*: La France face au défi terroriste. *Paris: le 10 avril 2017*.
Discours de Marine Le Pen Marine 2017.

VÍDEOS

« J'ai besoin de Marine » | Marine 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KfDD8FNm6bE>>. Acesso em 05 julho 2017.

LE PEN, Jean-Marie. 1 mai 2012 - Discours de Jean-Marie Le Pen place de l'Opéra à Paris + sous-titres. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jQ2403EjyBQ>> Acesso em 12 fevereiro 2018.

_____. 1 mai 2012 - Discours de Marine Le Pen place de l'Opéra à Paris. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=DMAWSFqFlig&t=13s>> Acesso em 12 fevereiro 2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-282-1

